



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczek Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Data de aceite: 20/09/2022

Pablo Ornelas Rosa
UVV/UNIVC/UFES

Aknaton Toczek Souza
UNISECAL/UFPR

Jésio Zamboni
UFES

APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE A SUBJETIVAÇÃO DIGITAL E OS ESTUDOS DE GÊNERO

A intensificação do uso da internet pela população planetária, sobretudo após o surgimento da chamada Web 2.0, também conhecida como internet de plataforma, promoveu uma alteração nas formas de interação, comunicação e acesso à informação no século XXI, incidindo em novos modos de subjetivação, inclusive no que se refere a questões que envolvem relações de gênero e sexualidade. Agora qualquer um(a) pode criar, publicar, compartilhar e curtir conteúdos sonoros, textuais, imagéticos e audiovisuais nas plataformas digitais, disputando a atenção com outros e outras, porém mediados por dispositivos sócio-técnicos que incidem diretamente em nossas escolhas através do uso da inteligência artificial e dos algoritmos que são instrumentalizados por

empresas, visando auferir ganhos em decorrência de sua capacidade de engajamento da atenção de seus usuários (Zuboff, 2020; Srnicek, 2018; Dijck; Poell; Waal, 2018; Sadín, 2018).

Diante disso, é imprescindível considerar as mudanças ocorridas na virada do século XXI acerca da alteração nas formas de interação face a face, que passaram a acontecer também por intermédio das plataformas digitais, de modo que empresas como o Google, Facebook, Instagram, Youtube, WhatsApp, dentre outras, passaram a operar a partir da apropriação dos dados de seus usuários que são comercializadas ou mesmo utilizados na modulação de seus comportamentos em decorrência de sua capacidade preditiva (Zuboff, 2020). Portanto, estamos diante de um novo modo de subjetivação digital que perpassa o uso cada vez mais frequente e intenso da internet sob uma forma plataformizada (Dijck; Poell; Waal, 2018) ou mesmo plataformentalizada (Rosa; Amaral; Nemer, 2021).

A produção de um diagrama sobre o mundo digital hodierno se faz necessário na compreensão dos processos de circulação de informações na internet e sua suscetibilidade em relação a questões que envolvem o campo político e científico, tendo em vista que os estudos de gênero e sexualidade, passaram a sofrer ataques nestes espaços por parte de pessoas e grupos que se reconhecem como conservadores e cristãos. Estes buscam constituir um novo

regime de verdade sustentado na universalização de um modelo de família que, tomando a heterossexualidade compulsória como regra, busca combater veementemente movimentos sociais que defendem os direitos LGBTQIA+. Assim, estes grupos passam a estabelecer relações persecutórias contra aqueles que escapam a certo modelo de família tradicional e de heterossexualidade.

Através desta pesquisa etnográfica realizada com grupos conservadores que atuam nas plataformas digitais foi possível compreender que boa parte dos conteúdos e argumentos que circulam tanto nos grupos de WhatsApp deste segmento político quanto no perfil do Instagram daqueles operadores do direito que se reconhecem bolsonaristas, objetos da investigação proposta, encontram lastros em livros – tratados como *armas híbridas* diante desta suposta *guerra cultural* - que passaram pela curadoria de Olavo de Carvalho, conforme foi constatado em pesquisas precedentes (Rosa, 2019). Isso se torna evidente quando registramos que em investigações passadas vislumbramos em diversos momentos menções ao livro *best-seller*¹ *Feminismo: perversão e subversão* (Campagnolo, 2019), escrito pela deputada estadual Ana Caroline Campagnolo (PSL/SC).

Contudo, também é importante destacar que um dos livros mais citados pela deputada em sua publicação (Campagnolo, 2019) é justamente o manuscrito *Gender, quem és tu?*, escrito pelo sacerdote da arquidiocese de Malines-Bruxelas, na Bélgica, Olivier Bonnewijn (2015), que apresenta uma leitura enviesada sobre as pretensas ondas feministas e suas reivindicações, procurando associar os estudos de gênero e sexualidade ao comunismo, globalismo e Nova Ordem Mundial, através da justificativa de que a ONU e demais organizações internacionais acolheram em suas resoluções tais noções, o que supostamente evidenciaria a existência de uma conspiração. Todavia, um dado que merece ser evidenciado, diz respeito ao fato de que estes dois escritos citados acima foram publicados respectivamente pelas editoras Vide Editorial e Ecclesiae, que fazem parte da rede CEDET² e que não somente contou com a curadoria de Olavo de Carvalho, como parte de seus livros foi publicado por uma destas editoras que compõe esse grupo empresarial.

Além disso, também é importante destacar que esta rede de editoras passou a utilizar como estratégia não apenas para auferir ganhos, mas principalmente para difundir este tipo de conteúdo produzido pela extrema direita brasileira, o fomento a que influenciadores digitais com milhares e até mesmo milhões de seguidores criassem suas próprias livrarias virtuais administradas em parceria com o grupo CEDET³, atijando um verdadeiro mercado de desinformação amparado em textos negacionistas e conspiratórios que passaram pela curadoria de Olavo de Carvalho, fazendo funcionar um verdadeiro ecossistema de desinformação que se capilariza por diferentes plataformas digitais,

1. Isso fica evidente na pesquisa que realizamos no dia 16 de novembro de 2021, em que o livro *Feminismo: perversão e subversão* (Campagnolo, 2019) era o 695 livro mais vendido na Amazon em termos gerais.

2. <https://www.cedet.com.br/editoras-parceiras.php> Acesso no dia 18/11/2021.

3. <https://www.cedet.com.br/livrarias-virtuais.php> Acesso no dia 18/11/2021.

intensificando hostilidades contra sujeitos e grupos dissidentes que não compartilham com suas visões de mundo.

A pesquisa apresentada partiu de uma investigação que contou com duas dimensões analíticas: uma teórica e a outra empírica. Porém, neste texto destacaremos algumas ponderações sobre os aspectos teóricos que são utilizados para conferir certa legitimidade aos argumentos apresentados por sujeitos que se reconhecem como conservadores e cristãos influenciados por Olavo de Carvalho, tomando exemplos empíricos em nossa análise. Isso ocorre porque a investigação proposta se fundamentou em certo esforço em realizar uma espécie de genealogia dos dispositivos de gênero e sexualidade em sua relação com a ética da existência, evidenciando quais são as forças presentes neste campo agonístico que estão em disputa nas plataformas digitais e quais são os principais argumentos utilizados por aqueles que se reconhecem como adeptos deste conservadorismo cristão frente à produção científica nesta área.

Ao lado dos conservadores é possível encontrar certa presunção acerca da existência de uma suposta natureza humana que condicionaria determinados comportamentos inatos atribuídos biologicamente à homens e mulheres e que só puderam ser perpetuados ao longo dos séculos em decorrência da reiteração e permanência de valores conduzidos pelo cristianismo e em especial pela tradição judaico-cristã (Carvalho, 2014; 2016; 2018; Costa, 2015). Do ponto de vista acadêmico, esse argumento se mostra frágil e insatisfatório, não apenas por seu viés etnocêntrico, mas porque entende a cultura em uma dimensão estática, ao contrário do que os mais diversos estudos no campo da antropologia social têm nos mostrado desde início do século XX (McKinnon, 2021).

Portanto, diante das pretensões universalistas e generalizantes encontradas neste tipo de conservadorismo que presume a existência de uma suposta natureza humana essencializada que muitas vezes foi utilizada para legitimar perspectivas etnocênicas e até mesmo racistas, machistas e LGBTQIA+fóbicas, etc.; temos uma abordagem científica que se fundamenta no reconhecimento da pluralidade de modos de vida, maneiras de ser e existir, que escapam às cosmovisões eurocêntrica responsáveis pela colonização e hostilização daquelas sociedades que não se adequaram ao padrão civilizacional imposto pelos colonizadores (Quijano, 2019).

GÊNERO NO DEBATE PÚBLICO: AGONÍSTICA ENTRE CONSERVADORISMO E CIÊNCIAS HUMANAS

Quando ouvimos contemporaneamente a utilização da categoria gênero no debate público, duas palavras recorrentemente surgem antes mesmo desta noção ser mencionada. Se quem as profere se reconhece como pertencente ao polo da direita no espectro político brasileiro, provavelmente chamará de ideologia de gênero; já se o sujeito em questão se

assume como tributário de movimentos à esquerda ou se atua no campo acadêmico, tratará em termos de estudos ou relações de gênero, concordando, portanto, que essa categoria estaria associada à pesquisas transdisciplinares que admitem o domínio do patriarcado sob os mais variados perfis de mulheres no decorrer da história, o que fica bastante evidente nos escritos publicados por feministas das mais variadas matizes teóricas.

No entanto, apesar das diferentes críticas e disputas internas sobre as relações de força subjetivadas pela tecnologia de gênero (Lauretis, 1987; Preciado, 2018), não há consenso acerca da existência do patriarcado de forma universal ao longo da história, conforme podemos encontrar em escritos advindos dos *estudos queer* (Preciado, 2019), bem como em certos feminismos decoloniais e negros (Oyewùmí, 2021). O que podemos afirmar é que o patriarcado tem sido uma força presente em grande parte das sociedades conhecidas, mas não em todas, conforme nos mostrou Oyèrónké Oyewùmí (2021) ao relatar as relações de poder nas sociedades nigerianas lorubá.

Em suas aulas proferidas no *Côllege de France* na segunda metade da década de 1970, Michel Foucault se dedicou ao que chamou de biopolítica, compreendendo-a como uma tecnologia de poder que – articulada com o poder disciplinar e sua anátomo-política do corpo, com o poder soberano e sua governamentalização do Estado, assim como com o poder pastoral e o seu governo das almas – operaria sobre grandes populações a partir do dispositivo da sexualidade, o primeiro a ser localizado neste contexto caracterizado pelo biopoder (Foucault, 2010).

Segundo o autor, foi somente a partir do momento em que os dispositivos de produção da sexualidade passaram a incidir nas sociedades modernas como saberes legítimos que se pôde verificar que o sexo e a vida se tornaram alvos privilegiados da atuação do poder disciplinar individualizado, que não pretendia mais estabelecer regras de comportamentos individuais ou individualizados, mas visava normalizar a própria conduta da espécie humana, assim como buscava reger, manipular, incentivar e observar certos fenômenos em nível macro por meio do controle biopolítico das taxas de natalidade e mortalidade.

Desse modo, foi somente no século XIX que o disciplinamento se coadunou com um gerenciamento planejado da vida das populações, em que o sexo passou não apenas a ser alvo de uma disputa política, mas também o foco de um controle disciplinar sobre o corpo individual, ao mesmo tempo em que passou a se articular com os fenômenos regulatórios. Todavia, foi por meio do entendimento da sexualidade constituída através de uma rede de saberes e poderes que agem sobre o corpo individual e sobre o corpo social - isto é, o sexo enquanto produto do dispositivo da sexualidade -, que a pesquisa proposta foi desenvolvida tanto do ponto de vista teórico quanto epistemológico, porém considerando as particularidades que a interação mediada por plataformas digitais implica.

Para tratar da influência de Michel Foucault (2010) nos estudos sobre gênero,

a partir do que chamou de dispositivo da sexualidade, é importante destacar que foi somente através de seu questionamento acerca da existência de uma natureza humana universal, fundamentada no masculino e feminino como condição inata existente em quaisquer sociedades humanas, que muitos autores e autoras de tradições feministas da segunda metade do século XX, a exemplo de Teresa de Lauretis (1987), Joan Scott (1986), Paul Preciado (2018) e Oyèrónké Oyewùmí (2021), encontraram um ponto de partida fundamental: a ideia de que os seres humanos são produzidos e se produzem distintamente a depender das circunstâncias históricas possíveis e que isso pode muito bem ser constatado nos diversos modos de ser e de existir encontrados nas mais distintas civilizações, sobretudo, se considerarmos a noção de gênero como chave analítica.

Em seu livro intitulado *Tecnologia de gênero*, Teresa de Lauretis (1987) constatou que o sistema sexo-gênero seria tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico. A autora partiu da tese foucaultiana baseada na ideia de que a sexualidade, recorrentemente associada a uma questão natural, particular e íntima, seria de fato produzida na cultura de acordo com os interesses dos grupos políticos dominantes. Segundo ela, as proibições e regulamentações dos comportamentos sexuais ditados por autoridades religiosas, judiciais ou médicas, muito longe de constranger ou reprimir a sexualidade, seriam responsáveis pela sua produção enquanto forma de subjetivação e, conseqüentemente, modos de conduzir condutas.

Não obstante, um aspecto extremamente importante para a pesquisa proposta diz respeito ao conceito de tecnologia sexual encontrado nas análises foucaultianas, entendido como um conjunto de técnicas utilizadas para maximizar a vida, tendo sido criada e desenvolvida pela burguesia no final do século XVIII com o objetivo de assegurar sua sobrevivência e perpetuação da hegemonia de seus valores morais. Assim, para Foucault (2010), a tecnologia sexual envolve a elaboração de discursos voltados para a classificação, mensuração, avaliação etc., sobre quatro objetos privilegiados do conhecimento: a sexualização das crianças, a sexualização do corpo feminino, o controle da procriação e a psiquiatrização do comportamento sexual.

Segundo o autor, os discursos que envolvem as tecnologias sexuais passaram a ser implementados através de saberes como a pedagogia, medicina, demografia e economia, ancorando-se em instituições estatais e consolidando-se em certo modelo de família e condutas sexuais supostamente adequadas. Com o objetivo de questionar a fusão de gênero e mulher, Teresa de Lauretis apresenta a noção de “tecnologias de gênero”. Segundo a autora, os dispositivos de filmagem – modos específicos de gravação, projeção, montagem, significação e decodificação – servem como um paradigma para conceber a produção de gênero e de subjetividade sexual. Equivale a dizer que aquilo que Preciado (2018) chamou de sistema farmacopornográfico funciona como uma máquina de representação somática onde texto, imagem e corporalidade espalham-se no interior de

um circuito cibernético expansivo. Na interpretação semiótica-política de Lauretis, o gênero é efeito de um sistema de significação que inclui modos de produção e decodificação de signos visuais e textuais politicamente regulados. (Preciado, 2018, p. 118)

Contudo, embora Foucault (2010) e Lauretis (1987) tenham desenvolvido suas análises no século XX, ou seja, em um contexto caracterizado pelo domínio dos meios de comunicação corporativos como jornal, rádio, cinema e televisão, se faz importante destacar que os modos de subjetivação que emergem com a sociedade em rede, conforme destacou Manuel Castells (1999), a partir da segunda metade da década de 1990 e se desenvolvem por todo o século XXI com a internet de plataforma, ocorreram de maneira completamente distinta, uma vez que a inteligência artificial e os algoritmos passaram a atuar nestes espaços através de certa disposição sócio-técnica, principalmente em decorrência da colonização de informações promovida pelas plataformas digitais na aurora do século XXI.

DADOS PRELIMINARES DE UMA PESQUISA DE CAMPO COM LIVROS E PLATAFORMAS DIGITAIS

A dimensão empírica proposta nesta investigação se fundamentou em uma pesquisa sobre a atuação de representantes da extrema direita brasileira manifestadas de forma pública, através da análise de conteúdos que são produzidos e divulgados nos perfis de contas do Instagram administradas por profissionais do direito que se reconhecem como conservadores e cristãos associados ao bolsonarismo e à Olavo de Carvalho. Além disso, também foram analisadas preliminarmente as publicações privadas que são difundidas em grupos de WhatsApp bolsonaristas e conservadores que versam sobre as relações de gênero e sexualidade através da coleta diária de dados disponibilizados nestas duas plataformas digitais.

A pesquisa também verificou a incidência do pensamento de Olavo de Carvalho e suas perspectivas sobre gênero e sexualidade a partir de sua influência no mercado editorial brasileiro, tendo em vista que este escritor que se apresenta como filósofo passou a fazer uma espécie de curadoria para algumas editoras e até mesmo rede de editoras, que contribuíram para a emergência da extrema direita brasileira articulada com movimentos semelhantes em outros países (Rosa, 2019; Da Empoli, 2019; Lazzarato, 2019; Chamayou, 2020; Fassin, 2019; Bruzzone, 2021), conforme mostramos em entrevista concedida ao jornal *The Intercept Brasil*⁴ publicada no dia 28 de agosto de 2021, em fala proferida no dia 20 de outubro de 2021 no Colóquio de homenagem aos 70 anos da Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS na Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS⁵, bem como no Seminário de Estudos Empíricos em Direito por nós organizado,

4. <https://theintercept.com/2021/08/28/cedet-vendas-sites-olavo-de-carvalho-extrema-direita/> Acesso no dia 16/11/2021.
5. https://www.anpocs2021.sinteseeventos.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1051 Acesso no dia 16/11/2021.

que ocorreu no dia 22 de outubro de 2021⁶.

Além disso, é importante destacar que esta proposta de pesquisa se coaduna com outra investigação que temos desenvolvido desde 2018⁷, que consiste no acompanhamento e extração diária de vídeos, memes, textos e conversas de grupos de WhatsApp que se reconhecem como conservadores e bolsonaristas, com o propósito de classificá-los e encaminhá-los para pastas com temas previamente definidos, sendo ao todo trinta e cinco assuntos⁸.

Um dado de extrema relevância que deve ser destacado, consiste em reconhecer que boa parte dos conteúdos e argumentos que circulam tanto nestes grupos de WhatsApp quanto no perfil do Instagram daqueles operadores do direito que também se reconhecem como conservadores e bolsonaristas encontram lastros em livros que passaram pela curadoria de Olavo de Carvalho, abarcando distintos assuntos, dentre eles, a chamada “ideologia de gênero”. Isso se torna evidente quando registramos que em diversos momentos de nossa investigação aparecia tanto nestes grupos de WhatsApp quando nas publicações destes operadores do direito conservadores que atuam no Instagram menções ao livro *best-seller*⁹ *Feminismo: perversão e subversão* (Campagnolo, 2019), escrito pela deputada estadual Ana Caroline Campagnolo (PSL/SC) ou compartilhavam suas palestras e outros vídeos nos quais ela era citada recorrentemente.

Não obstante, também é importante destacar que um dos livros mais citados pela deputada em sua publicação (Campagnolo, 2019) é o manuscrito intitulado *Gender, quem és tu?*, escrito pelo sacerdote belga, Olivier Bonnewijn (2015). Neste texto, o autor apresenta uma leitura insatisfatória do ponto de vista historiográfico e epistemológico sobre as supostas ondas feministas e suas reivindicações, destacando uma eventual relação entre os estudos de gênero e sexualidade, os supostos globalistas e os defensores de uma Nova Ordem Mundial que visaria impor um Estado global. Tudo isso justificado por meio do acolhimento da ONU e demais organizações internacionais acerca da utilização da categoria gênero, direitos sexuais e reprodutivos, dentre outras noções em suas resoluções mais recentes.

6. <https://www.youtube.com/watch?v=kaiKVJLtcMM&t=389s> Acesso no dia 16/11/2021.

7. Parte desta investigação foi publicada no livro *Fascismo tropical: Uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*, que resultou de uma pesquisa de pós-doutorado por mim realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional - PPGPSI da Universidade Federal do Espírito Santo -UFES, sob a supervisão da professora Ana Heckert.

8. Os dados coletados diariamente nos grupos de WhatsApp são direcionados para 35 pastas com os seguintes títulos: 7 de setembro; antifas; armas; ativismo judicial; ativismo neoliberal; Bannon; corrupção; Covid 19 e quarentena; den;uncia; direito; ditadura militar; documentos Olavo; drogas; ecologismo; eleições; escola sem partido; eventos; gênero; guerra cultural; herói; indicação de referências; indígenas; inimigos; instituições; Instituto Burke; MBL; mentalidade bolsonarista; modulação comportamental; nacionalismo; Olavo Denis Burguerman; produtos; raça; religião; ucranização; Ustra; verdade; violência.

9. Isso fica evidente na pesquisa que realizamos no dia 16 de novembro de 2021, em que o livro *Feminismo: perversão e subversão* (Campagnolo, 2019) era o 695º livro mais vendido na Amazon em termos gerais, o 20º livro de história mais vendido e o 8º escrito mais vendido sobre movimentos políticos e ciências sociais por essa mesma empresa.

Um problema de caráter epistemológico mencionado por Campagnolo (2019) diz respeito a sua abordagem amparada em certa tradição escolástica que visa legitimar tanto um lugar determinado para as mulheres a partir do reconhecimento da existência de certa natureza humana universal pretensamente fundamentada no cristianismo, quanto a redução da complexidade das lutas das mulheres, nos mais diversos momentos históricos e lugares do planeta, à meras “ondas feministas”.

Essa leitura sobre os feminismos tratados em termos de ondas, expressas de forma tão simplista, evidencia um olhar eurocêntrico e colonialista que parece não acompanhar os debates acadêmicos hodiernos, uma vez que legitima modos de subjetivação que desprezam o reconhecimento de outras variáveis presentes nas lutas sociais à época que escapam as relações de gênero, a exemplo das questões raciais. Portanto, esse tipo de análise apresentada por Campagnolo (2019) acerca das ondas feministas parece reduzir as pluralidades de forças distintas que se encontravam em disputas constantes nos mais diferentes lugares em que o poder patriarcal se fazia presente, a mero discurso esquerdista que visaria vitimizar as mulheres. Assim, o que ela deixa escapar em sua análise é que, mesmo no contexto desta suposta primeira onda sufragista, existia a força latente das mulheres negras que também reivindicavam por seus direitos questionando as mulheres brancas por apenas exigir sua participação nas eleições, esquecendo-se delas.

Isso ocorre porque a forma com a qual Campagnolo (2019) apresenta a suposta primeira onda feminista, considerando exclusivamente o movimento das sufragistas, parece não conseguir alcançar certa sensibilidade para reconhecer que naquele contexto estadunidense no qual as mulheres brancas demandavam pelo direito ao voto, havia mulheres negras escravas que reivindicavam não apenas por este direito, mas também buscavam o fim da escravidão e seus efeitos, a exemplo do episódio relatado por bell Hooks (2021) acerca do discurso proferido por Sojourner Truth na Segunda Conferência Anual do Movimento do Direto de Mulheres na cidade de Akron, Ohio, em 1852:

Esse homem aí há pouco disse que as mulheres precisam de ajuda para subir às carruagens e levadas sobre as poças, e de me cederem os melhores lugares... e não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para os meus braços! (ela arregaçou a manga direita da camisa) ... Eu lavrei, plantei e colhi para os celeiros e nenhum homem podia ajudar-me – e não sou eu uma mulher? Eu posso trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando eu puder fazê-lo) e ser chicoteada também – e não sou eu uma mulher? Eu dei à luz cinco crianças e vi todas serem vendidas para a escravatura e quando chorei a minha dor de mãe, ninguém senão Jesus ouviu – e não sou eu uma mulher? (Hooks, 2021, p. 253)

Todavia, um dado que merece ser evidenciado, tendo em vista a sua relevância na articulação da extrema direita brasileira, diz respeito ao fato de que tanto o livro de Campagnolo (2019) quanto de Bonnewijn (2015) foram publicados respectivamente pelas

editoras Vide Editorial e Ecclesiae, que fazem parte da rede CEDET¹⁰ e que não somente contou com a curadoria de Olavo de Carvalho, como parte de seus livros tem sido publicado por uma destas editoras que compõe esse grupo empresarial¹¹.

Esta rede de editoras utiliza como estratégia não apenas para auferir ganhos, mas principalmente para difundir este tipo de conteúdo que passou a ser apropriado pela extrema direita brasileira no intuito de conferir certa legitimidade argumentativa em seus discursos, o fomento a que influenciadores digitais com milhares e até mesmo milhões de seguidores nas plataformas digitais criem suas próprias livrarias virtuais administradas em parceria com o grupo CEDET¹², atijando um verdadeiro mercado de desinformação amparado em textos revisionistas, negacionistas e conspiratórios que passaram pela curadoria de Olavo de Carvalho, fazendo funcionar um ecossistema que se capilariza por diferentes plataformas digitais, intensificando hostilidades contra aqueles que escapam ao padrão comportamental estabelecido a partir de certo entendimento acerca dos valores da cultura judaico-cristã.

Essa hostilização e até mesmo perseguição dos dissidentes políticos, associando-os ao mal, evidencia a instrumentalização política do medo como forma de conduzir condutas. Um conceito sociológico que define muito bem este tipo de comportamento encontrado nos discursos proferidos por representantes da extrema direita brasileira tanto no WhatsApp quanto no Instagram é o chamado por Stanley Cohen (2011) de pânico moral que, segundo o autor, seria o processo social pelo qual desperta um tipo de medo coletivo contra certos grupos aos quais se atribui práticas, condutas e comportamentos supostamente inadequados e que ameaçariam a ordem instituída.

Para Cohen (2011), o pânico moral seria uma ferramenta política operada pelo sensacionalismo através da manipulação do medo coletivo com o propósito de se estabelecer um alvo, definindo, portanto, quem são os inimigos sociais a quem se deve perseguir e atacar, justamente porque a vida destes ou as condutas que a envolvem estariam fortemente contaminadas por práticas que deveriam ser eliminadas - a exemplo do que encontramos nos grupos de WhatsApp e Instagram de representantes da extrema direita, sobretudo, no que se refere aos discursos sobre os comunistas, globalistas, esquerdistas, abortistas, maconheiristas, assim como os gayzistas e feministas, etc. Assim, segundo Cohen (2011), o pânico moral produz uma histeria coletiva de modo que acaba utilizando inimigos inexistentes com o objetivo de produzir uma guerra imaginária sob determinados grupos.

Não obstante, outra categoria que pode muito bem ser mencionada para tratar desta hostilização e até mesmo perseguição dos dissidentes políticos diz respeito ao que Foucault

10. <https://www.cedet.com.br/editoras-parceiras.php> Acesso no dia 18/11/2021.

11. <https://www.cedet.com.br/> Acesso no dia 18/11/2021.

12. <https://www.cedet.com.br/livrarias-virtuais.php> Acesso no dia 18/11/2021.

(2005) tratou como racismo de Estado que, segundo ele, implicaria em certa associação a chamada Teoria da degenerescência, uma vez que é a partir dela que será possível constatar a emergência da normalidade em oposição à anormalidade e suas consequentes ameaças biológicas que implicam na suposta inferioridade de certos perfis populacionais, a exemplo de negros e gays.

Contudo, dentre o perfil de livros publicados por essa rede de editoras que fomenta este pânico moral, é possível citar: *A mente esquerdista: As causas psicológicas da loucura política*, escrito pelo psiquiatra Lyle Rossiter (2016, p. 16) que argumenta que o paradigma socialista dominante, o estatismo do bem-estar e o relativismo moral da agenda esquerdista contemporânea seriam sintomas de uma patologia acerca dos instintos sociais normais; *A mente criminosa*, escrito pelo psicólogo neolombrosiano Stanton Samenow (2020, p. 125), que afirma de forma generalizante e descontextualizada que *“o criminoso é assim desde a infância e, quando adulto, acredita que tem direito a tudo que deseja. Para ele, o mundo é um tabuleiro de xadrez com outras pessoas servindo-o como seus peões”*; o livro *Introdução à Nova Ordem Mundial*, escrito por Alexandre Costa (2015, p. 92), que diz que *“os seguidores de Jesus Cristo enraizaram na sociedade seus princípios e sua moral, que moldaram não apenas a sociedade, mas também a alma das pessoas. Filosofia grega, direito romano, moral cristã. Estes são os alvos dos tiranos”*; dentre vários outros exemplos de manuscritos que tratam de temas como conservadorismo, cristianismo, comunismo, marxismo cultural, Escola de Frankfurt, ambientalismo, feminismo, gayzismo, abortismo, globalismo, guerra cultural, Nova Ordem Mundial etc.

Diante dos dados apresentados é possível constatar não apenas a presença do discurso de ódio por parte desta literatura mobilizada pela extrema direita para conferir certa legitimidade aos seus preceitos, como também pode ser verificável certa *ação que o discurso performatiza*, conforme constatou Butler (2021, p. 124). Segundo a autora, *“Quem enuncia o discurso de ódio exerce um performativo por meio do qual a subordinação é efetuada, por mais ‘mascarado’ que esse performativo possa ser. Enquanto performativo, o discurso de ódio também priva aquele a quem é dirigido precisamente desse poder performativo que alguns veem como uma condição linguística de cidadania”* (Butler, 2021, p. 139).

Nesse sentido, Butler (2021, p. 140) ainda afirma que *“Representar discurso de ódio como exercício de poder soberano performatiza implicitamente uma catacrese por meio da qual aquele que é acusado de violar a lei (aquele que enuncia discursos de ódio) é, apesar de tudo, investido do poder soberano da lei”*. Talvez por isso, que os Projetos de Lei 5358/2016 e 4425/2020 que visam criminalizar a apologia ao comunismo, ambos propostos pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL/SP) - que não apenas é filho do presidente Jair Bolsonaro como também é aluno de Olavo de Carvalho - vise. Ou seja, construir um discurso de ódio acerca dos dissidentes políticos e convertê-lo em lei voltada

não apenas para estigmatizar essas supostas ameaças e hostilizá-los publicamente, mas principalmente criminalizá-los, o que possibilitaria concomitantemente sua eliminação física e simbólica.

GÊNERO EM PERSPECTIVA AGONÍSTICA

Do ponto de vista teórico, a pesquisa propôs um exercício agonístico, buscando realizar uma espécie de genealogia dos dispositivos gênero e sexualidade em sua relação com a ética da existência, evidenciando quais são as forças que estão em disputa no sentido de afirmá-los ou mesmo de negá-los e de que forma elas são mobilizadas nas plataformas digitais por quem se reconhece como tributário do conservadorismo cristão. É certo que as bases teóricas e epistemológicas que visam conferir certa legitimidade a estes dois discursos antagônicos – estudos de gênero e abordagem conservadora - se encontram amparadas em perspectivas completamente distintas.

Ao lado daqueles que se reconhecem como conservadores cristãos há certa presunção acerca da existência de uma suposta natureza humana que condicionaria certos comportamentos inatos atribuídos biologicamente à homens e mulheres e que só puderam ser perpetuados ao longo dos séculos em decorrência da reiteração e permanência de valores conduzidos pelo cristianismo e, em especial, pela tradição judaico-cristã (Carvalho, 2014; 2016; 2018; Costa, 2015), como se a cultura que constitui este discurso operasse exclusivamente a partir de uma dimensão estática, diferentemente do que os diversos estudos no campo da antropologia social têm nos mostrado desde os primórdios do século XX (McKinnon, 2021).

Ao contrário desta força que se reconhece como conservadora e cristã encontrada nos discursos extremistas proferidos Olavo de Carvalho (2014; 2016; 2018) e seus seguidores, a exemplo de Ana Paula Campagmolo (20019) e Alexandre Costa (2015), inclusive presente nas falas manifestadas publicamente pelo presidente Jair Bolsonaro¹³, temos um diagnóstico um tanto quando diferente e que foi construído pelo campo acadêmico através de décadas de diálogos incessantes entre pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas do conhecimento que, diante das pretensões universalistas e generalizantes acerca da existência de uma suposta natureza humana essencializada que muitas vezes condicionava a perspectivas etnocêntricas e até mesmo racistas, machistas e LGBTQIA+fóbicas, passaram a questioná-la justamente por reconhecer a pluralidade de modos de vida, maneiras de ser e existir, que escapam à cosmovisão eurocêntrica, que historicamente colonizou e hostilizou aquelas sociedades que não se adequavam ao padrão civilizacional imposto pelos colonizadores aos povos colonizados (Quijano, 2019).

Apesar das diferentes críticas e disputas internas sobre as relações de força

13. https://www.youtube.com/watch?v=deSUhcOC_CE Acesso no dia 18/11/2021.

condicionadas pela tecnologia de gênero (Preciado, 2018), não há nenhum consenso acerca da existência do patriarcado, conforme podemos encontrar em escritos advindos dos estudos *queer* ou mesmo dos chamados movimentos pós feministas (Preciado, 2019, p. 428), bem como em certo feminismo negro (Hooks, 2014). Isso ocorre justamente porque, segundo Preciado (2019, p.423), “o conceito de gênero é, antes de tudo, uma noção sexopolítica, mesmo antes de se tornar uma ferramenta teórica do feminismo americano”. Desse modo, para o autor, a sexopolítica seria uma das formas da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo que faz com que o sexo, ou seja, os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais, os códigos de masculinidade e feminilidade, assim como as identidades sexuais supostamente normais e desviantes ingressem neste cálculo de poder, fazendo com que os discursos sobre sexo e as tecnologias de normalização das identidades sexuais passem a operar como agentes de controle e regulação da vida e do desejo (Preciado, 2019, p. 421).

Nesse sentido, os movimentos feministas reconhecem que houve certo condicionamento ou mesmo imposição para que o lugar das mulheres nas estruturas sociais ao longo da história das diferentes sociedades, inclusive na modernidade, fosse estabelecido a partir de certa subserviência aos homens, sob justificativas orientadas por perspectivas religiosas e, portanto, cristãs, cuja crítica pode ser localizada nos escritos de Jorge Scala (2015) e Olivier Bonnewijn (2015), ou mesmo em bases pretensamente científicas, como é o caso da psicologia evolucionista, a partir de exemplos encontrados nos textos de Jordan Peterson (2018) e Steven Pinker (2004). Contudo, para Preciado (2018, p. 127), o estabelecimento do lugar das mulheres e dos homens nas sociedades contemporâneas só foi possível em decorrência do que chamou de “programação de gênero”. Segundo ele,

Podemos chamar de “programação de gênero” um modelo neoliberal psicopolítico da subjetividade que potencializa a produção de sujeitos que pensam em si mesmo e agem como corpos individuais, que se autocompreendem como espaços e propriedades biológicas privadas com uma identidade de gênero e uma sexualidade fixas. A programação predominante de gênero opera com a seguinte premissa: um indivíduo = um corpo saudável = um sexo = um gênero = uma sexualidade = uma propriedade privada. Mas construir gênero, como argumentou Butler, sempre equivale a correr o risco de desmantelá-lo. Produzir gênero implica um conjunto de estratégias de naturalização/desnaturalização e identificação/desidentificação. O dispositivo *drag king* e a autoexperimentação hormonal são apenas duas destas estratégias de descarrilamento. No regime farmacopornográfico, o gênero se contrói nessas redes de materialização biopolítica; ele se reproduz e se consolida socialmente ao transformar-se em espetáculo, em imagem em movimento, em dados digitais, em moléculas farmacológicas, em cibercódigos. (Preciado, 2018, p. 127-128).

Assim, o campo moral orientado por certo viés religioso de cunho cristão parece se

coadunar com uma pretensa psicologia evolucionista no que se refere aos condicionamentos universalistas e generalizantes acerca dos distintos comportamentos inatos atribuídos a homens e mulheres, sendo a força mais veemente no que se refere ao lugar essencializado dos sujeitos na sociedade, segundo os defensores do conservadorismo cristão. Para eles, o debate acadêmico padeceria de uma autocrítica justamente por ter sido afetada - ou contaminada, se preferir - por um viés ideológico que estabelece intencionalmente uma perspectiva conflituosa para tratar das relações sociais, colocando negros contra brancos, mulheres contra homens, gays contra heterossexuais, etc., conforme destacou Olavo de Carvalho (2014) ao tratar do marxismo cultural, associando-o às universidades, meios de comunicação corporativos e organizações internacionais tratadas em termos de globalismo e Nova Ordem Mundial.

Em seu livro intitulado *Ideologia de gênero*, Jorge Scala (2015) apresenta o que entende como sendo os principais postulados dessa suposta ideologia. Segundo o autor, a ideologia de gênero seria uma ideologia feminista que visaria impor uma reengenharia social planetária, amparando-se no que chamou de pseudoantropologia feminista. Nesse sentido, ele argumenta que a negação da natureza humana acabou gerando não apenas uma desessencialização da ideia de mulher e homem, como deixou de reconhecer a suposta natureza de ambos: *“Depreciando a natureza humana, destrói-se a antropologia que, com suas nuances, luzes e sombras, era comumente aceita no Ocidente desde a antiguidade greco-romana e, mais intensamente, com o cristianismo”* (Scala, 2015, p. 53).

Outro postulado trazido por Scala (2015, p. 53) refere-se a ideia de que *“uma vez negada a natureza humana, as feministas de gênero conseguiram realizar a afirmação inicial: nós, homens e mulheres, podemos e devemos ser absolutamente idênticos”*. Contudo, para ele, o postulado ideológico inicial apresentado por estas feministas se fundamentaria na ideia de que *“o gênero seria o sexo construído socialmente”* (Scala, 2015, p. 57). Assim, ao considerar que as chamadas por ele de feministas de gênero partem de uma dupla negação de preceitos constituídos pela civilização Ocidental - a ideia de que não haveria uma natureza humana, tampouco existiria condicionamentos biológicos relativos à sexualidade (Scala, 2015, p. 59) –, o autor afirma que o objetivo final que elas buscam se fundamentaria na completa eliminação das diferenças sexuais entre os seres humanos como pressuposto para um mundo novo (Scala, 2015, p. 61) a partir da luta contra o patriarcado (Scala, 2015, p. 63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito do debate decorrente da constatação destas diferentes perspectivas acerca do entendimento sobre gênero e sexualidade encontradas tanto nos discursos proferidos pela extrema direita que se reconhece como conservadora cristã quanto pelos pesquisadores que atuam nas mais distintas universidades do planeta, mesmo sob

hostilizações e ataques veementes, a exemplo do caso de violência contra Judith Butler no Brasil ¹⁴ em 2017, temos ainda pontos de partida que evidenciam certa divergência acerca do entendimento sobre o nascimento destas categorias em análise.

Assim, enquanto a extrema direita associa a criação da categoria gênero ao psicólogo estadunidense John Money e o seu fracasso em relação a experiência dos gêmeos Bruce e Brian Reimer (Bonnewijn, 2015; Scala, 2015; Campagnolo, 2019), objetivando desqualificar a possibilidade de redesignação sexual a partir exclusivamente deste acontecimento malgrado; a maior parte das feministas situam a elaboração desta categoria de forma mais sistematizada, não apenas a ele, mas também a partir do livro de Robert Stoller (1968) intitulado *Sexo e gênero*, porém alegando que logo na primeira metade do século XX, a antropóloga Margaret Mead (1949) já havia afirmado que cada sociedade humana estabelece formas de diferenciação sexual como argumento atribuído na constituição dos papéis sociais, conforme destacou Joana Maria Pedro (2005).

Não obstante, serão as pesquisadoras e pesquisadores dos estudos *queer*, a exemplo de Paul Preciado (2018, p. 113), que irão muito além deste debate inócuo acerca do nascimento da categoria gênero a partir das perspectivas de John Money e Robert Stoller, chamando a atenção para as consequências da crise epistêmica no discurso médico do pós-guerra acerca do aparecimento e desenvolvimento da tecnologia gênero.

Contudo, Preciado (2018) ainda argumenta que foram autoras como Suzanne Kessler e Wendy McKenna que, ao afirmarem que os corpos humanos à época eram “diagnosticados” como masculinos e femininos sendo “potenciais portadores de espermas e óvulos”, passaram a reconhecer um novo agenciamento político sobre seu poder reprodutivo. Nesse sentido, ambas as autoras destacam que as “técnicas desenvolvidas nos anos 1950 para a leitura de diferenças genéticas e cromossômicas e para a mediação dos níveis endocrinológicos introduziram variáveis que não podiam ser reduzidas ao quadro epistemológico do dimorfismo sexual (Preciado, 2018, p. 114). Nesse sentido, os discursos médicos biológico e políticos foram confrontados, resultando na não inclusão do imperativo disciplinar da reprodução heterossexual.

Com este texto, esperamos ter contribuído com os debates acerca das relações de gênero e sexualidade em sua intersecção com os estudos que envolvem as subjetivações digitais e a extrema direita brasileira. A nossa proposta foi apresentar algumas reflexões sobre a pesquisa de campo com grupos de WhatsApp bolsonaristas bem como com

14. Um dado que merece nota, trata-se do fato de que Bernardo Pires Küster, autor do prefácio do livro *Feminismo: Perversão e subversão* escrito por Ana Paula Campagnolo (2019) e publicado pela Vide Editorial pertencente a rede de editoras CEDET, foi um dos incentivadores ao ataque à Judith Butler que aconteceu no aeroporto de Congonhas (<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghtml>). Em vídeo publicado no Youtube dedicado a atacar Butler, ele afirma que “se nós não combatemos verdadeiramente as pessoas que propagam as ideias, as ideias continuarão aí. Não adianta combater apenas as ideias. Nós temos que combater agentes históricos reais que as promove”. (https://www.youtube.com/watch?v=71-348rF17_o&t=235s) Acesso no dia 18/11/2021.

influenciadores digitais da área jurídica que se reconhecem como conservadores e que atuam veementemente nas plataformas digitais. Além disso, também realizamos uma breve análise sobre os argumentos utilizados por Ana Campagnolo (2019) que é tida por estes grupos conservadores como uma das maiores referências sobre feminismo no país, contrapondo os seus argumentos com os estudos feministas mais contemporâneos, sobretudo de tradição pós-estruturalista, decolonial e queer.

REFERÊNCIAS

BONNEWIJN, Olivier. *Gender, quem és tu?* Campinas: Ecclesiae, 2015.

BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo*. São Paulo: Contexto, 2021.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio*. São Paulo: UNESP, 2021.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *Feminismo*. Campinas: Vide Editorial, 2019. CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural*. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. *O dever de insultar*. Campinas: Vide Editorial, 2016. CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável*. São Paulo: Ubu, 2020.

COSTA, Alexandre. *Introdução à Nova Ordem Mundial*. Campinas: Vide Editorial, 2015.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Vol. 1. São Paulo: 34, 2011.

DIJCK, José V.; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

FASSIN, Eric. *Populismo e ressentimento em tempos neoliberais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *Participação e democracia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista Hoje: Sexualidades no sul global*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2020.

LAURETIS, Teresa de. *Technologies of gender*. Indiana: Indiana University Press, 1987.

LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução?* São Paulo: N-1, 2019.

MARCHESI, Valéria B. S.; ROSA, Pablo O.; RESENDE, Paulo E. R. Conjugalidade e racionalidade neoliberal na Igreja Universal: A conversão do homo oeconomicus em família empresa e a submissão da mulher. In *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, Vol. 41, n.1, p. 101-124, 2021. <https://www.scielo.br/j/rs/a/qSygHgVdcY3gh74BDgvjHGw/>

MCKINNON, Susan. *Genética neoliberal*. São Paulo: Ubu, 2021.

MEAD, Margaret. *Male and female: A study of the sexes in a changing world*. New York: Ed. Morrow, 1949.

MISKOLCI, Richard. *Batalhas morais*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2021.

OYEWÚMÌ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: O uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In *Debates Historiográficos*. Vol. 24, n. 01, p. 77-98, 2005.

<https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/?format=pdf&lang=pt>

PETERSON, Jordan. *Mapas do significado*. São Paulo: É Realizações, 2018.

PINKER, Steven. *Tábula rasa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PRECIADO, Paul B. *Texto Junkie*. São Paulo: N-1, 2018.

QUIJANO, Aníbal. *Ensayos em torno de la colonialidad del poder*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019.

ROSA, Pablo O. *Fascismo Tropical*. Vitória: Ed. Milfontes, 2019. <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/497>

ROSA, Pablo O.; AMARAL, Augusto J. do; NEMER, David. *Plataformalização e a virada digital*. In *GT 40: Teoria Social: diagnósticos e prognósticos do tempo presente*. 45 Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, 2021.

https://www.anpocs2021.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtYyI7czoZnJoiYToxOntzOjE6ImgiO3M6MzI6IjBiZjViNGQ2MzYwODA2NjA2MDhkNDhhOTQwODZmODIzIjt9&ID_ATIVIDADE=259

ROSA, Pablo O.; ÂNGELO, Vitor A.; BRAGA, Tatiane. *Novíssimas direitas e a política na era da pós-verdade: Uma análise da guerra cultural*. In *Simbiótica*, V. 08, n. 02, p. 187- 216, mai-ago, 2021. <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/36384>

ROSSITER, Lyle. *A mente esquerdista*. Campinas: Vide Editorial, 2016.

SADÍN, Eric. *La Humanidad Aumentada: La administración digital del mundo*. Buenos Aires: Ed. Caja Negra, 2018.

SAMENOW, Stanton. *A mente criminosa*. Campinas: Vide Editorial, 2020.

SCALA, Jorge. *Ideologia de Gênero*. São Paulo: Ed. Katechesis, 2015.

SCOTT, Joan W. Gender: A useful category of history analysis. In *The American Historical Review*, Vol. 91, n.05, p. 1053-1075, dec. 1986.

SILVA, Marcelo Kunrath; PEREIRA, Mateus Mazzilli. Moviments e contramovimentos sociais: O caráter relacional da conflitualidade social. In *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol. 08, n. 20, p. 26-49, set-dez, 2020.





<https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/rbs.647> SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataforma*. Buenos Aires: Ed. Caja Negra, 2018.

STOLLER, Robert J. *Sex and gender*. New York: Ed. Science House, 1968.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: Luta por futuro humano na nova fronteira de poder*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2020.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br







Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

